

ANEXO 3 – O interaccionismo simbólico

O interaccionismo simbólico

Payne (2002) considera que, para além de Mead, também Blumer (já no final década de sessenta) se destaca como um dos autores fundamentais no que ao interaccionismo simbólico diz respeito. Assim, esta defende que as pessoas agem de acordo com símbolos do mundo exterior que as rodeia que a retêm criando símbolos abstractos. Esses símbolos são gerados pelo sujeito através de uma interpretação da interacção entre este e o real, usando a linguagem como mecanismo de interpretação. A definição de si próprio que o sujeito possui também é criada por si mesmo, visto que, para compreender e interagir com o real tem de, em primeiro lugar, possuir uma noção daquilo que é, e da sua capacidade de apreender o real.

Neste sentido, o interaccionismo simbólico procura demonstrar que o desenvolvimento do sentido de si próprio desenvolve-se nos seres humanos pela interacção de cada indivíduo com os restantes sujeitos. Durante esta relação do indivíduo com o outro mantém-se presente a incerteza, visto que este nunca possui segurança absoluta acerca de o seu auto-conceito ser coincidente com a maneira como os outros o têm em consideração. A resposta que o sujeito obtém dos outros pode ser verbal ou não verbal no que concerne às considerações que podem advir das suas palavras e acções, ou, como Goffman (1963) refere, se a identidade social real do sujeito em análise corresponde à identidade social virtual que o outro havia pré-concebido anteriormente ao momento efectivo de interacção. Por fim, o interaccionismo simbólico também defende que a sociedade para se estabelecer como tal requer coordenação e cooperação entre os indivíduos e a sociedade. As normas e padrões relativos aos comportamentos esperados desenvolvem-se nas sociedades para que os indivíduos possam interagir e coexistir de forma coesa e harmoniosa. Assim, aquilo que cada indivíduo é varia em relação directa com quem interage, das reacções que daí advêm, e da repercussão destas reacções na orientação dos comportamentos futuros. (Mead, 1934).